

Estudo de desdobramentos do valor semântico de itens lexicais em letras de *funk*: uma análise na perspectiva da Linguística Cognitiva

**Study of changes in the semantic value of lexical items in funk lyrics:
An analysis from the perspective of cognitive linguistics**

Gislene Souza de Oliveira de Camargo*
Lucas Santos Campos**

RESUMO: Este artigo consiste na apresentação de resultados do estudo piloto da dissertação em andamento, desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Tem como objetivo analisar o valor semântico de itens lexicais empregados em letras de *funk*, com base nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva. Para isso, foram coletados dados de letras mais populares entre os estudantes do 8º ano da Instituição Educacional Municipal Professora Marias das Graças Assis Correia, localizada na cidade de Brumado, Bahia. Os dados foram analisados com base em Abreu (2010), Ferrari (2011) e Castilho (2014), que dialogam com Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987), Filmore (1982) e Croft e Cruse (2004); assim como nos estudos sobre gêneros textuais, com base em Marcuschi (2002) e nos estudos da teoria lexical baseados em Basilio (1987).

PALAVRAS-CHAVE: *Funk*. Cognição. Esquema Imagético.

ABSTRACT: This article reports on the results of a pilot study developed for an ongoing MA thesis to be presented to a professional master's program in language (PROFLETRAS) in the State University of Southwestern Bahia. It aims to analyze the semantic value of lexical items used in funk lyrics, based on theoretical assumptions of Cognitive Linguistics. Data were collected from the most popular lyrics amongst 8th-grade students at municipal school Marias das Graças Assis Correia, located in Brumado, Bahia. The analysis was based on Abreu (2010), Ferrari (2011) Castilho (2014), who dialogue with Lakoff and Johnson (1980), Lakoff (1987), Filmore (1982), and Croft and Cruse (2004). It was also on Marcuschi's (2002) genre studies and Basilio's (1987) studies of lexical theory.

KEYWORDS: Funk. Cognition. Imagistic scheme.

1 Introdução

Através de debates em sala de aula, sobre o valor semântico de alguns itens lexicais empregados em produções do gênero musical *funk*, detectamos que muitas educandas não se sentem feridas, como mulheres, pela acepção de vocábulos qualificadores como “cachorra”, “piriguete”, “filé” e “preparada”. Isso deu ensejo ao seguinte questionamento: haverá algum mecanismo cognitivo que possa levar o público apreciador dessas músicas a encarar positivamente expressões tidas como grotescas no seio da sociedade civil organizada, quando

* Mestranda do Programa de Mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS). Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB).

** Orientador: Prof. Dr. Lucas Santos Campos. Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB).

empregadas como caracterizadoras de mulheres e/ou até mesmo de homens? Assim, através deste estudo, buscamos desenvolver uma apreciação de valores semânticos de vocábulos utilizados na composição desse gênero musical.

Para isso, levantamos as seguintes questões norteadoras:

- i) como os estudantes interpretam o tratamento dirigido, a partir de expressões como “cachorra”, “piriguete”, “filé”, “preparada”, entre outras, às mulheres, nas músicas de *funk*; e
- ii) como o público consultado, educandos do 8º ano/7ª série do Ensino Fundamental da Escola Municipal Maria das Graças Assis Correia, situada no município de Brumado, Estado da Bahia, classifica essas expressões (como positivas ou negativas) quando empregadas como qualificadoras das mulheres?

A partir dessas questões, definimos como objetivo geral do trabalho: estudar as acepções de itens lexicais de letras do gênero textual/musical *funk*, a fim de embasar o educando, para que ele possa adotar uma postura crítica diante das noções representativas da mulher. Entendemos que esse intento possa ser alcançado através de discussões e análises do significado de itens lexicais envolvidos em letras desse tipo de composição. Para isso, trabalhamos na promoção de debates em sala de aula a fim de possibilitar ao estudante identificar, a partir de análises conceituais e classificatórias, o impacto que determinadas palavras podem provocar no íntimo das pessoas, principalmente no das mulheres.

O trabalho se justifica pela hipótese de que, para a tradição moral ocidental, as expressões em evidência, destacadas das letras em estudo, expressam uma visão “humilhante”, até mesmo agressiva, em relação à mulher. Partindo desse ponto de vista, buscamos levantar motivos que possam levar o gênero musical *funk* a ser largamente apreciado pela população infanto-juvenil das classes populares e intensamente alimentado pela mídia no seio dessas classes.

Os pressupostos teóricos que norteiam o trabalho estão assentados: na Linguística Cognitiva, pautados por Abreu (2010), Ferrari (2011) e Castilho (2014), que dialogam com Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987), Filmore (1982) e Croft e Cruse (2004); nos estudos sobre gêneros textuais, com base em Marcuschi (2002); e nos da teoria lexical calcados em Basilio (1987). Essa base de estudo permite estudar os valores semânticos de itens lexicais aplicados em letras do gênero musical em evidência, assim como de formações metafóricas e metonímicas, a partir de possíveis relações semânticas e polissêmicas na categorização dos

termos utilizados, elementos que nos permitirão levar o educando a identificar e julgar formações conceituais a partir de modelos cognitivos idealizados que possam ter sido acessados para a construção de conceitos aplicáveis ao gênero feminino.

A atenção da Linguística Cognitiva, doravante LC, está centrada na descrição da linguagem como meio de definição da realidade pelo sujeito e, por isso, enfoca o conhecimento do dicionário e o conhecimento enciclopédico (de mundo), formado pelas experiências humanas. Então, os elementos da linguagem resultam das capacidades cognitivas gerais acrescidas à experiência de vida individual, social e cultural do sujeito. Como resultado deste trabalho, espera-se que não somente os educandos participantes dos debates que o geraram, mas toda e qualquer pessoa que tenha acesso a este material possa realizar uma análise crítica das expressões empregadas tanto pelo gênero textual/musical em evidência, quanto por todo e qualquer texto a que tenham acesso.

2 Breve incursão nos pressupostos teóricos

Para a obtenção desse objetivo, foram escolhidos, como base de estudo, os postulados teóricos da LC por considerarem a língua um meio de entendimento da realidade em seus aspectos relacionais com o contexto vivenciado e o discurso produzido entre os interlocutores. A LC caracteriza-se pela adoção do postulado de que palavras e frases formam seus significados no contexto, no uso real e significativo, o que implica a ideia de que os conceitos são resultados de modelos, regras criadas culturalmente. Para Ferrari (2011, p. 14),

... o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado. Sob essa perspectiva, as palavras não contêm significado, mas orientam a construção do sentido.

A autora, citando Fauconnier (1997), acrescenta uma afirmação que, segundo ela, se tornou clássica na área de estudos da LC: “a linguagem é a ponta visível do *iceberg* da construção invisível do significado”.

Para os cognitivistas, o pensamento é consequência da constituição corporal humana, apresenta características derivadas da estrutura e do movimento do corpo, assim como da experiência física e social vivenciadas. Ferrari (2011, p. 21) apresenta como um bom exemplo de experiência dependente da natureza do corpo a percepção de cor:

O sistema visual humano tem três tipos de fotorreceptores, diferenciando-se daqueles de animais como esquilos e coelhos (que apresentam apenas dois tipos) e de pombos (que têm quatro tipos). Essa diferença afeta nossa

experiência em termos da gama de cores a que temos acesso no espectro cromático...

Nesse sentido, é importante salientar a discussão realizada por Abreu (2010, p. 10) sobre o ser humano como animal simbólico e interativo. Com efeito, pelo fato de a linguagem estar vinculada a outras faculdades humanas (visão, audição, memória, pensar, emocionar) e pelo seu caráter simbólico, ela demonstra ser um fator diferenciador do homem com relação aos outros animais.

Em função de o ser humano possuir o pensamento, imaginativo, no seu processo de interação, ele realiza as conceptualizações. Ele demonstra como percebe o mundo através de recortes feitos a partir de seu conhecimento cósmico, da sua realidade, do seu contexto (social, cultural, econômico, sexual); assim, cria categorias para a classificação dos seres (a partir das generalizações) e determina semelhanças entre coisas, pessoas (empregando metáforas, metonímias e imagética mental) para comunicar e compreender conceitos. Nesse sentido, Abreu (2010, p. 19) enfatiza que o texto produzido por um falante é apenas uma proposta de construção de sentido, a ponta de um *iceberg*. O sentido pleno da comunicação vai sendo construído a partir das situações discursivas.

Numa abordagem direcionada ao uso real da língua, podem ser percebidos mecanismos determinantes de um sistema mais funcional para a criação de novos nomes para novos referentes. De acordo com Ferrari (2011 p. 15), essa abordagem entende o significado como uma construção mental “em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas, de modelos compartilhados de crenças socioculturais”. É o estabelecimento de uma semântica cognitiva que determina um contraste entre o conhecimento enciclopédico – sistema estruturado e organizado em rede – e o conhecimento linguístico/de dicionário – específico, em que a informação está contida na definição da palavra.

A LC adota uma visão integradora quanto à modularidade da linguagem; reconhece e investiga diversos níveis de pesquisa linguística. Estabelece, todavia, dois princípios da não modularidade: (i) os mesmos princípios gerais atuam em todos os níveis de análise linguística que faculta a busca de *generalizações*; e (ii) os princípios gerais devem ser compatíveis com o cabedal de conhecimentos disponíveis sobre a mente e o cérebro em disciplinas afins, o que está relacionado a um *compromisso interdisciplinar*.

Ferrari (2011, p. 25-26) afirma que Goldberg (1995) se dedica à análise polissêmica em construções sintáticas distintas e mostra a relação de inúmeros sentidos associados a uma mesma estrutura. Para entender a polissemia na construção sintática, é preciso observar a construção de movimento causado e a associação entre estrutura sintática e papéis semânticos, como no exemplo a seguir, transcrito da autora:

SUJEITO	VERBO	OBJETO (SN)	OBLÍQUO (SP)
↑	↑	↑	↑
AGENTE	AÇÃO	TEMA	ALVO
(Maria)	(jogou)	(o papel)	(no lixo)

A autora orienta o entendimento da polissemia através da observação dos sentidos dessa construção:

- A. Sentido 1: o agente causa o tema a mover para o alvo.
Ex.: Maria jogou o papel no lixo.
- B. Sentido 2: Condições de satisfação implicam que agente causa tema a mover para o alvo.
Ex.: Maria mandou o afilhado à padaria.
- C. Sentido 3: o agente permite tema a mover para o alvo.
Ex.: Maria colocou os amigos para dentro da festa.
- D. Sentido 4: o agente previne tema de mover-se para o alvo.
Ex.: Maria trancou o marido para fora de casa.
- E. Sentido 5: o agente ajuda tema a mover-se para o alvo.
Ex.: Maria levou os filhos ao parque.

Nas palavras de Ferrari (2011, p. 27), os sentidos observados nesse esquema estão ligados por um “laço polissêmico”. Os sentidos 2 a 5 apresentam distintas relações de contiguidade ou proximidade com o sentido 1, que seria o principal sentido.

O princípio (ii), relacionado ao *compromisso interdisciplinar*, está associado ao compromisso da LC em conciliar suas hipóteses com os resultados de pesquisas – sobre o cérebro e a mente – produzidas por outras linhas disciplinares, enfatizando as da área das Ciências Cognitivas, como Filosofia, Psicologia, Inteligência artificial e Neurociências. Nessa direção, a LC se afasta da concepção tradicional relacionada à categorização linguística e aceita as novas noções favorecidas pelos trabalhos de pesquisa sobre estratégias de categorização produzidas pela Psicologia Cognitiva, à medida que a noção de categoria radial foi aplicada à investigação das categorias linguísticas.

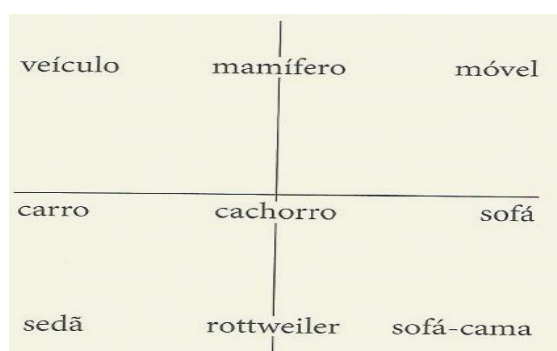
2.1 A Linguística Cognitiva e as bases cognitivistas na construção do significado

Concebendo categorização como a faculdade humana de identificação, nomeação, agrupamento de entidades, seres semelhantes (pessoas, objetos, lugares) em grupos, classes específicas detentoras de algum sentido a fim de interpretar expressões e agir no mundo, indicamos, em consonância com Abreu (2010, p. 21), que tal capacidade permite ao homem criar conceitos e organizá-los numa gama de conhecimentos que favorecem a vida, as relações no mundo. Para ele, os estudos anteriores (de Aristóteles a Wittgenstein) têm relegado as categorias como “caixas abstratas” em que são colocadas as referências de seres que possuem características comuns. Daí, a partir da segunda metade do século XX, três questões foram destacadas para análise:

1. o sistema de categorização. Quais os princípios que guiam a formação das categorias na mente humana?;
2. o fato de haver seres que, embora apresentem algumas propriedades comuns a outros seres, não se encaixam adequadamente dentro da categoria desses seres, ficando numa espécie de “zona cinzenta”;
3. o fato de culturas diferentes apresentarem categorizações diferentes. (ABREU, 2010, p. 21)

Abreu (2010, p. 22-23), apresenta a afirmação de Roch (1975, 1999), de que a categorização ocorre em duas dimensões (vertical e horizontal), como ilustrado a seguir:

Figura 1 – Dimensões da categorização



Fonte: Abreu (2010, p. 22)

Nesse esquema,

a dimensão vertical está ligada ao nível de inclusão. Tomemos a categoria *cachorro*. Em relação a ela, a categoria *mamífero* encontra-se localizada num ponto mais alto e inclui mais membros do que a categoria *cachorro*, como *elefante*, *cavalo*, *leão* etc. Já a categoria *rottweiler* localiza-se num ponto mais baixo no eixo vertical e é menos inclusivo do que *cachorro*, pois engloba apenas uma raça de cães. O mesmo acontece com os outros

exemplos. As categorias *veículo* e *móvel* são mais inclusivas do que *carro* e *sofá*, respectivamente, e as categorias *sedã* e *sofá-cama*, menos inclusivas. No nível horizontal, temos categorias distintas, dentro do mesmo grau de inclusão.

Em seus estudos, Roch chegou a conclusão de que existe um nível ideal de inclusão, em termos de economia cognitiva. É o que acontece com *carro*, *cachorro* e *sofá*, que são denominados por ela de categorias de nível básico. O critério de escolha está vinculado à possibilidade de construir uma imagem no plano mais inclusivo possível. É impossível formar, dentro da nossa cabeça, a imagem singular de um mamífero, mas é fácil formar a imagem singular de um cachorro, gato, cadeira etc. O uso demonstra que é essa a categoria mais funcional em nosso dia a dia. Diante de um cão de raça boxer latindo, ninguém diria algo como – “*Esse mamífero está latindo muito alto*” ou – “*Esse boxer está latindo muito alto*”. O normal é dizer: “*Esse cachorro está latindo muito alto*”. (ABREU, 2010, p. 22-23)

A segunda questão está relacionada ao eixo horizontal. Roch (1975 apud ABREU (2010, p. 24) propõe a existência de “representantes prototípicos” dentro de cada categoria. A noção de prototipia refere-se aos representantes que detêm um grande número de características comuns à maior parte dos membros da categoria. Nesse sentido, bem-te-vi, gavião e gaivota são prototípicos da categoria pássaros já que são bípedes, são dotados de asas e voam, mas a galinha seria não prototípica porque voa muito mal. Já na categoria aves (que é mais inclusiva, não exigindo o atributo do voo), a galinha é eleita como representante prototípica e o pinguim seria um representante não prototípico, uma vez que botam ovos, mas possuem asas (atrofiadas) que não são usadas para voar, tendo mais semelhanças com os mamíferos focas do que com as aves.

A terceira questão diz respeito à influência da cultura sobre o processo de categorização. Nesse sentido, Abreu (2010, p. 27-28) indica o porquê do uso de um sufixo indicador de traço humano numa palavra que nomeia a galinha, na cultura do povo Suyá, indígenas brasileiros do grupo Macro-Gê, instalada no Parque do Xingu. Para essa comunidade, a galinha é um membro da família, vive no interior das suas casas. O autor destaca que o que seria um crime para algumas culturas, como matar um pássaro silvestre, como a arara, para a alimentação, para eles é normal; matar uma galinha, porém, é inadmissível, pois se trata de um ser sagrado no seio da comunidade.

Refletindo sobre a categorização dos animais comestíveis, Abreu (2010, p. 27) esclarece:

Em países como Brasil e Estados Unidos, a vaca e o porco pertencem à categoria dos animais comestíveis. Na França, teríamos que incluir o cavalo e a rã. Na Coreia, os cães. Em países árabes e em Israel. Teríamos que

eliminar o porco e, na Índia, a vaca. Na China, teríamos de incluir os gatos e as lagartixas.

Ainda como ilustração de categorização, há de se considerar os diversos compartimentos de um guarda-roupa (geladeira, mesas de escritório, armário de cozinha etc.) cujas subdivisões mostram uma separação de objetos (roupas, utensílios, vasilhas, joias) planejada de acordo com a categorização específica de cada grupo. Tal processo é natural e básico no cotidiano, pois ocorre no pensamento, na ação e nos discursos humanos sempre que raciocina sobre algo.

Na linguagem, o processo de categorização é importante, pois, para tratar das “coisas do mundo”, o falante agrupa conjuntos de ideias, objetos, atividades e qualidades semelhantes (porém não idênticos) em classes específicas para as referências necessárias na interação comunicativa. Faz-se referência, por exemplo, a um conjunto de atividades consideradas equivalentes como cozinhar, trabalhar; assim como são qualificadas pessoas/animais como calma(o)s ou perigosa(o)s, por exemplo.

Porém, a capacidade de memória humana restringe a criação de categorias dada uma “sobrecarga em termos de processamento e armazenamento de informações, ou seja, o indivíduo pode juntar objetos em categorias para falar do mundo, todavia não tem condições de imaginar infinitas categorias de classificação das coisas que o cerca” (FERRARI, 2011, p. 32). Sobre isso, Ferrari (2011, p. 32) afirma que “não há uma relação especular entre linguagem e mundo, mas uma relação necessariamente mediada pela arquitetura cognitiva dos falantes, em termos de suas características e restrições”.

As representações conceptuais mais básicas da experiência da pessoa no mundo são os esquemas imagéticos, considerados como as imagens dinâmicas das vivências compartilhadas por determinado grupo social. Abreu (2010, p. 31) aponta que os *image schemas* indicados (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987, 1990, LAKOFF; TURNER, 1989) estão “relacionados à capacidade de estruturar de modos alternativos o conteúdo de um domínio conceptual”. Em outras palavras, dizem respeito ao movimento do corpo no espaço, à manipulação de objetos, representam padrões esquemáticos que refletem domínios como força, equilíbrio, contêiner, trajetória, que respondem pela “estruturação da experiência ancorada no corpo”.

Assim, conclui-se que vários usos linguísticos dão suporte à ideia de esquema imagético. Refletem as experiências humanas no mundo contribuindo para a formação dos significados que estão relacionados ao fato de a linguagem acessar domínios cognitivos

detentores de sua experiência no mundo num jogo metafórico e metonímico essencial na relação conhecimento linguístico x conhecimento enciclopédico.

Ao pensar em viajar de avião, podem vir à mente do indivíduo ideias relacionadas a piloto, decolagem, pouso, comissários, assim como também pode ser associada a noção de medo da decolagem, perda de bagagem, enjoo e acidentes. De acordo com Abreu (2010, p. 38), as ideias relacionadas à viagem de avião são os *frames*, imagens formadas por “elementos prototípicos”, devido à sua maior relação com o objeto pensado (piloto, decolagem, pouso, comissários) e outros elementos vinculados à imaginação da pessoa. Esses dispositivos imaginativos, todavia, não são estáveis ao longo do tempo e do espaço porque são influenciados por fatores culturais, históricos e até mesmo das experiências pessoais.

Sobre Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) – *Idealized Cognitive Models*, Ferrari (2011, p. 34) aponta as ideias de Lakoff (1987), que os definiu como um conjunto complexo de *frames* distintos. Para o autor, os MCI são compostos a partir de três tipos de estruturas: a) estruturas proposicionais com a noção de *frame* de Fillmore; b) *image-schematic structure* (esquemas imagéticos) estabelecido por Langacker; (c) e mapeamentos metafóricos e metonímicos de Lakoff e Johnson (1980).

A estrutura proposicional refere-se ao tipo de estrutura utilizada por Fillmore para os *frames*. Lakoff (1987) utiliza o termo “solteirão”, “*bachelor*” em inglês, como ilustração. Tal termo só é conceptualizado a partir da noção da existência de culturas em que haja casamento e não casamento; essa ideia deve estar elencada ao sexo e à idade. Solteirão, geralmente, se refere a homem adulto, de idade avançada e não casado.

A noção de esquemas imagéticos está associada às experiências de espaço. São estruturadas, geralmente, com base nos esquemas de contêiner, parte-todo, frente-trás, cima-baixo, origem-trajeto-destino, existência etc. Logo, esses esquemas têm condição de alicerçar a estrutura conceptual de MCI. Por exemplo, a determinação, pelos grupos sociais, e aceitação, até inconsciente, da adequação/inadequação ao comportamento feminino com relação à frequência a certos espaços e à prática de comportamentos classificados como tipicamente masculinos podem ser consideradas relativas ao esquema imagético *existência*, subclassificação em *espaço delimitado*, determinando, assim, as posturas das consideradas “mulheres de bem” e a morte social das que não detêm esse padrão.

Com base Lakoff e Johnson (1980), Ferrari (2011, p. 92) aponta que os mapeamentos metafóricos e metonímicos são projeções que podem compor MCI, nos seguintes termos: há

sentenças em que o MCI de tempo é metafóricamente estruturado em termos de espaço ou movimento através do espaço, tomando-se o Tempo como um local para onde o Ego se dirige. São exemplos disso: (a) Já estamos perto do Natal, (b) Ele chegou em cima da hora, (c) Daqui para frente o curso vai ficar mais difícil e assim por diante.

Numa abordagem tradicional, a metáfora e a metonímia são tratadas como figuras de linguagem, como artifícios retóricos de embelezamento da linguagem literária. Porém, a LC atribui uma significativa importância aos processos de Metáfora e Metonímia, ao conceber a construção do significado a partir de estruturas conceituais e das categorias mentais das pessoas, como imagens formadas a partir das suas experiências (físicas, culturais e sociais) no mundo, visto que as pessoas utilizam como referências as semelhanças e as diferenças percebidas entre os elementos, para classificá-los dentro da realidade vivida e, assim, esses elementos são arrolados no processo de categorização que ocorre naturalmente (no pensamento, percepção, ação e discurso).

Com a metáfora, buscam-se correspondência e similitude entre elementos de domínios diferentes; com a metonímia, busca-se uma relação contígua entre elementos do mesmo domínio. Então, nesse sentido, o indivíduo, ao procurar construir novos sentidos, baseia nos conhecimentos já incorporados no processo de experiência no mundo juntamente com outros indivíduos.

Para a metáfora, Abreu (2010, p. 42) arrola como exemplo a sentença: *Aquele seu amigo é um cavalo*. Nesse enunciado temos como domínio de origem “cavalo” e como domínio alvo “amigo”. O entendimento do sentido pretendido pelo falante vai estar subordinado à ativação, por parte do ouvinte, dos *frames* dos dois domínios. Para o domínio de origem (cavalo) há traços semânticos, como quadrúpede, alto, forte, rápido, capaz de empinar e escoicear. A depender do contexto em que for utilizada a frase, haverá a seleção de uns ou outros elementos desse *frame* a serem transpostos para o domínio alvo (amigo).

A metonímia, como ocorre com a metáfora, é defendida pela Semântica Cognitiva não como simplesmente um fenômeno linguístico, mas como uma ocorrência de construção conceptual muito importante nos processos cognitivos. Diversamente das construções metafóricas, as metonímicas ocorrem no mesmo domínio cognitivo, atuando com os elementos que pertencem à mesma categoria, e essa contiguidade se estabelece pela associação na experiência. Entre os elementos envolvidos no processo metonímico há uma hierarquia, já que há elementos detentores de informações gerais, básicas e específicas. As

informações básicas são aquelas que facilitam a apreensão, são relevantes, e ativam dados da mesma categoria. Então, um conhecimento desdobra-se a outro localizado no mesmo domínio.

Abreu (2010, p. 55) propõe como exemplo de metonímia uma foto 3x4 mostrada a alguém que diz: “Ah, essa é a sua prima.”, e não: “Ah, essa é a cabeça de sua prima.”, por ter realizado, inconscientemente, a projeção da imagem da cabeça (parte) em seu corpo (todo). Assim, ocorre um percurso do todo para uma parte do domínio pela perspectiva de quem a emprega e da parte para o todo na visão de quem a interpreta.

A teoria dos espaços mentais (EM), como apontam Abreu (2010, p. 81) e Ferrari (2011, p. 109), com base em Fauconnier (1994, 1997), consiste em uma fórmula para explicar o processo de referenciação dos espaços criados durante o desenvolvimento do discurso. A rigor, as expressões linguísticas nada significam, e sim trazem propostas de significação para o falante construir o significado a partir de seu conhecimento de mundo. Para Abreu (2010), os espaços mentais são pequenas parcelas de tempo de curta duração que abrimos em nossas mentes para atribuir sentido a essas expressões. Para Ferrari (2011), são domínios conceptuais locais que permitem o fracionamento da informação, disponibilizando bases alternativas para o estabelecimento de referência.

A formação dos EM está subordinada à realidade dos envolvidos na situação comunicativa. Eles são formados a partir de “dispositivos gramaticais” chamados construtores de espaço. Trata-se de instrumentos gramaticais, como preposições, advérbios, locuções, orações temporais e condicionais que “abrem” o espaço apropriado para a localização do referente.

As breves informações sobre *frames*, esquemas imagéticos, MCI, EM, mesclagens e relações metafóricas e metonímicas apresentadas anteriormente requerem uma reflexão sobre os conceitos envolvidos na questão de “analogia”. Para a LC, segundo Fauconnier e Tunner (2002), como aponta Abreu (2010, p. 91-95), o princípio da analogia é fundamental no estudo de como o falante reconhece, nomeia, explica um elemento; para tanto, tal processo é realizado a partir de outro elemento conhecido. Esse processo favorece o surgimento de outro elemento, categorizado de forma diferenciada, a partir do paralelismo entre elementos distintos, originando, assim, a aquisição de um novo domínio.

Abreu (2010, p. 91-95) parte da ideia base da obra de Saussure de que “as línguas humanas são arbitrárias, ou seja, não há nenhuma relação natural entre as palavras e as coisas

nomeadas por elas”. Segundo o autor, Givon (1989), Haiman (1985) e Croft (2004), entre outros, retomaram e contestaram esse tema, porém com o nome de ICONICIDADE, ampliando, no entanto, o nível de análise com a inclusão da sintaxe, enunciação e do discurso.

Esse estudo parte da ideia de representação de seres animados, inanimados, sentimentos, eventos reais ou ficcionais pela linguagem humana. Todavia, tal representação não seria uma etiquetagem das palavras sobre as ideias, e sim a realização de recortes (do mundo real ou do mundo possível), subordinados à maneira de perceber o mundo, a partir da realidade social e histórica. Para Abreu (2010, p. 92), essa representação traz duas implicações. A primeira trata de uma motivação entre a palavra criada e o que ela nomeia. Por exemplo, a criação da palavra *chuveiro* a partir da ideia de *chuva*, *fazer chover*. Temos, nesse caso, o chamado *metaprincípio da iconicidade*, proposto por Givón (1989, p. 97), para o qual há uma melhor recuperação, armazenamento e comunicação de uma experiência codificada caso o código seja “maximamente isomórfico a essa experiência”. Ele destaca a imposição da perspectiva do falante sobre mundo, pois alguém poderia ter atribuído o nome de *aguadeiro* ao objeto nomeado, associando-o simplesmente à *água*. Acrescenta ainda o exemplo de beija-flor, em português, como atribuição ao pássaro que se alimenta de flores; porém, em inglês, o mesmo animal recebe o nome de *humming bird*, pássaro zumbidor, associado ao zumbido das asas. A motivação icônica, segundo ele, é um instrumento eficiente para o estudo do léxico das línguas, e a iconicidade apresenta-se fortemente nos jogos metafóricos e metonímicos. Por tais mecanismos fabricam-se nomes de cor, como abóbora, verde-garrafa, laranja; assim como se dá origem a neologismos como braço de suspensão (de automóveis), saia do para-lama e massagem-relâmpago.

A segunda implicação refere-se ao fato de que cada nova geração não ser tão criativa no sentido de imaginar muitas formas novas de representação. Em geral, é feito o uso das velhas formas deixadas pelos antigos, como *Eu vou embora*, originado de *Eu vou em boa hora*, ou *ocê*, forma reduzida de *Vossa Mercê*. Também, tem-se o caso de desaparecimento de palavras que originaram outras ainda em uso. É o caso de *linde*, *linda* (do verbo *lindar*, demarcar, limitar), que originou *lindeiro* (*limitado*) ou *deslindar* (*delimitar*).

Embora as línguas sejam sistemas de representação convencionais, pois todas apresentam palavras sem ligação entre som e sentido, há, no entanto, outras palavras que são iconicamente motivadas pelo que pode ser chamado de *iconicidade diagramática*. Nesse sentido, Haiman (1985, p. 515) afirma: “Um diagrama icônico é um arranjo sistemático de

signos, dos quais nenhum necessariamente se assemelha ao seu referente, mas cujas relações entre cada um deles espelha a relação dos seus referentes.”

Feita essa breve incursão sobre alguns dos pressupostos da LC, apresentamos, a seguir, dados sobre a metodologia empregada na elaboração do trabalho.

3 Metodologia

Como procedimento metodológico, realizamos a aplicação de uma atividade pedagógica, uma oficina de leitura e interpretação do gênero musical em evidência neste estudo, desenvolvida em cinco aulas de 50 minutos cada¹. Nessa sequência didática, foram oportunizados aos estudantes momentos de audição das músicas escolhidas por eles entre as mais tocadas nas emissoras de rádio, de acordo pesquisa na internet e as preferências dos envolvidos.

O trabalho constou de três fases: sensibilização através de conversa informal; audição, leitura/cantoria; e dança das músicas escolhidas. Em seguida, houve a exposição de opiniões sobre o comportamento das pessoas e as expressões relacionadas a homens e mulheres nos bailes. Através de debates, veiculamos informações sobre formação cultural, visão do corpo do outro, estratégias capitalistas de faturamento, manutenção de poder entre classes sociais e universo sexual, considerando as letras, as interpretações e as coreografias do estilo *funk*.

Na sequência das atividades, houve escolha de letras das músicas sugeridas para efeito de análise escrita, relacionadas à aplicação de determinados termos enfatizados nas letras do gênero musical em pauta. Foram propostas questões como: (i) O que significa tal palavra? (ii) Que valor essa palavra tem para você? E nas relações sociais? (iii) Em sua opinião, por que são utilizadas expressões desse tipo para se referir à mulher? (iv) E a mulher aprova ou reprova tais qualificações? (v) Esse comportamento atinge todas as classes sociais? Todo tipo de público? Tal procedimento nos conduziu às conclusões elencadas a seguir.

4 Resultado

Considerando o arcabouço teórico da LC e, após a realização da oficina citada, realizamos algumas reflexões a respeito das construções conceituais de alguns termos elencados nas letras do gênero musical *funk*. Nesse sentido, alguns termos lexicais foram selecionados como destaque nessas músicas. Por exemplo, para a referência aos homens,

¹ A pesquisa encontra-se registrada no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos sob o CAAE 60521916.1.0000.0055.

estavam: *cachorrão*, *safadão*, *patrão*, *malicioso* e *maconheiro*. Em maior número, para as mulheres, estavam: *recalcada*, *invejosa*, *gostosa*, *piranha*, *cachorra*, *puta profissional*, *filha da puta*, *popô*, *novinha*, *popozuda*, *xota*, *perereca*, *mina*, *top*, *diva*, *falsificada*, *patricinha* e *poposão*. Interessante, também, é o termo *arlequina*², referência à vilã auxiliar do coringa, o inimigo do Batman.

Sabe-se que o ser humano diferencia-se dos outros animais pela sua capacidade imaginativa. Logo, no processo interativo com os seus pares, o homem vai realizando as conceptualizações, atribuindo sentido às coisas, pessoas e eventos a partir do contexto (social, cultural, econômico, sexual) em que está inserido. Esse sentido, formado por meio de recortes do conhecimento de mundo, da realidade vivida, orienta a categorização dos seres através de associações metafóricas, metonímicas, *frames*, criação de espaços mentais, entre outras, cujas projeções originam novas formas de ver e ser visto, estar num ou noutra lugar social a partir das categorizações empreendidas.

Tem-se, então, a comprovação da determinação, pelos grupos sociais, e a internalização inconsciente, da adequação/inadequação ao comportamento feminino com relação à frequência a certos espaços e à prática de comportamentos classificados como tipicamente masculinos. Tudo isso está relacionado ao esquema imagético *existência*, subclassificação em *espaço delimitado*, determinando, assim, as posturas das consideradas “mulheres de bem” e a morte social das que não detêm esse padrão.

Pode-se observar que termos como *cachorrão*, *safadão*, *patrão*, *malicioso* e *maconheiro* são utilizados nas construções das letras musicadas, porém sem denotação pejorativa, ofensiva, e sim como uma espécie de qualificadores. O termo *patrão* refere-se ao detentor de dinheiro na favela, um *playboy* da favela, porém ele não sofre a mesma discriminação que os *playboys* do asfalto porque seu dinheiro é fruto de trabalho e não da mesada dos pais.

O homem considerado *cachorrão* não é visto da mesma forma que a mulher chamada de *cachorra*, *cadela*. Esses termos estão sempre relacionados a uma posição privilegiada pelo homem que ostenta marcas famosas e é assediado pelo luxo que exhibe, como mostra a letra de Pikeno e Menor, “Nóis Nasceu Pra Ser Patrão”.

² Segundo informações do site <<http://legiaodosherois.uol.com.br/>>, Arlequina é o nome verdadeiro da companheira do Coringa, inimigo do Batman. “Harleen Quinzel era uma psiquiatra do Asilo Arkham que se apaixonou perdidamente pelo Coringa. Esse amor “maluco” a levou a uma vida criminosa sob o nome de Arlequina. Cúmplice incondicional e namorada do Coringa, ela faz loucuras para agradar o Palhaço”.

Vários Carros, Várias Motos, No Pescoço Só as Prata
 De Uísque e Red Bull no baile funk só as gata,
 o perfume é importado do jeitinho que elas pira boladão
 de double x com as lente de zafira, 18k no pescoço com pingente de
 Cifrão(\$)
 deixa eles confunde que ah picadilha é de boyzão,
 é só os cordao pesado
 e várias nota de cem,
 as novinhas enlouquece no estilo que nois tem.
 Pikeno é condição, Menor é condição
 gasta mesmo sem miséria
 nós nasceu pra ser patrão.
 Andinho é condição,
 Felipe é condição
 gasta memo sem miséria
 nós nasceu pra ser patrão (*sic*)

Além dos termos mais comuns já citados para se referirem às mulheres, um diferente é *arlequina*, que aparece em algumas produções para designar, no submundo do *funk*, a bandida que não se deixa dominar pelo homem, tem personalidade forte, é estilosa. Num jogo metafórico, as características e atitudes da personagem Arlequina das histórias em quadrinhos e cinema são atribuídas à parceira do bandido exaltado no mundo *funk*. Seduzida pelo Coringa, a jovem psiquiatra Harleen Quinzel o ajuda a fugir do Asilo Arkham e, cegamente apaixonada, se deixa manipular pelo vilão em seus planos maquiavélicos como ocorre, muitas vezes, com as mulheres envolvidas com bandidos.

Na música Arlequina e Coringa, MC Elvanio afirma:

Admiro minha dona que me ajuda no meu corre
 Vai busca os revolver vai vai busca os revolver
 Ela não á banda é bandida estilosa
 Usa uma prata Juliete e cheira rosa
 Eu sou seu Coringa você é minha Arlequina
 A dupla do mal o casal fora da lei
 Eu tô lá na quina fazendo o meu corre
 Ela me ajuda derrubando os x9
 Linda pra carai inveja as rival
 Capa na mao dela pode crê que passa mal.(*sic*)

Demonstrando a admiração pelo tipo companheira na “vida loka”, MC Leeleko traz em *Bandida Arlequina*:

Bandida, quem não deseja é mentira
 Desfila, sobe e desce na batida
 Bandida, da rolêzin com as amigas
 Bandida arlequina é o desejo dos coringa. (*sic*)

Nas letras de *funk*, geralmente, são atribuídos os termos *piranha*, *cachorra*, *puta profissional* e *filha da puta* àquelas mulheres que se expõem por conta do interesse material por dinheiro, carro, motoca e joias, como as que agem ou se deixam usar como objeto sexual nos bailes.

Com o intuito de enfatizar o já exposto, a construção do significado é influenciada pelas estruturas de conhecimento conservadas na memória semântica permanente dos indivíduos. Essa é a noção de *domínio*, “o contexto de caracterização da unidade semântica” de Langacker (1987 apud FERRARI, 2011). Essas estruturas permitem direcionar a interpretação de determinado termo, assim como os *frames* de Fillmore (1975, 1977, 1982, 1985 apud FERRARI, 2011) e os Modelos Cognitivos idealizados, um conjunto complexo de *frames* distintos, de Lakoff (1987 apud FERRARI, 2011).

Logo, determinadas atitudes desempenhadas por algumas mulheres ativam, na mente masculina, assim como em outras mulheres, “estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados a cenas da experiência humana, considerando-se as bases físicas e culturais dessa experiência” (FERRARI, 2011, p. 50). Essas estruturas cognitivas compartilhadas determinam a noção do que é “inadequado a uma mulher direita”, e essas noções são perpetuadas entre os grupos sociais por meio das relações cotidianas, impostas e repetidas, delimitando, assim os papéis a serem vivenciados. MC MM³, em Adestrador de cadela traz:

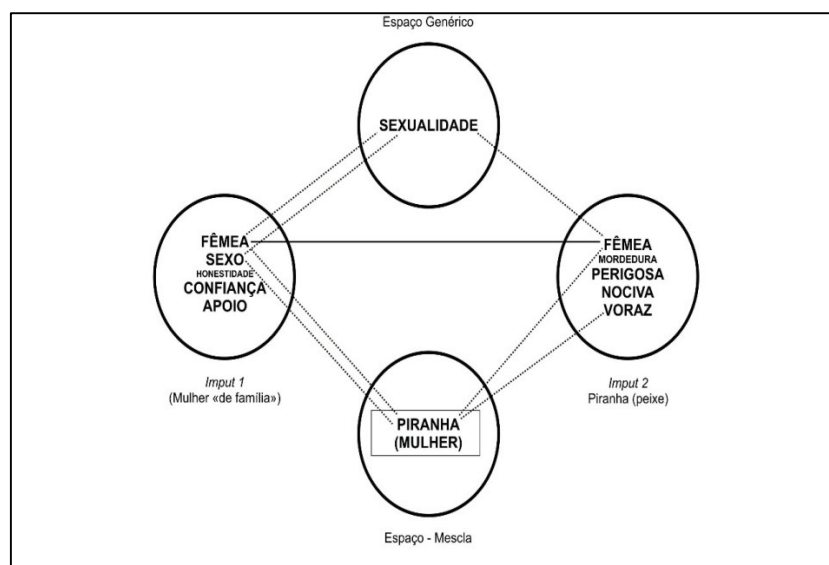
Sabe aquelas minas cachorra, piranha, sapeca
Então pode trazer elas que R7 da um trato
Poem no pelo e goza nela
Então cancela as moças de família certa
Que minha meta na favela é só pegar mina perversa
Que eu sou Adestrador de cadela
Que eu sou Adestrador de cadela
Nós pega bota na tcheca depois solta na banguela
Nós pega bota na tcheca depois solta na banguela
Nós pega bota na tcheca depois solta na banguela

O esquema de mesclagem conceitual procura demonstrar a relação analógica entre o conceito de “mulher” e “piranha” (peixe) na formação do conceito de piranha (“mulher de vida fácil”, segundo a conceituação). O *Input* 1 corresponde ao domínio da mulher considerada honesta, “de família”, e inclui como elementos os atributos fêmea, oferta de sexo

³ Sigla atribuída a Marcio Rezende de Lellis, que, segundo sua página nas redes sociais, é cantor e compositor de *funk*, nascido e criado na Zona Norte de São Paulo. Iniciou sua carreira na música em 2003 com o grupo de *rap* RZN que em 2007.

seguro e aprovado pelo casamento, honestidade, confiança e apoio. O *Input 2* corresponde ao domínio do peixe chamado piranha, e seus elementos são fêmea, mordedura perigosa, voracidade. A analogia entre os *Inputs 1* e *2* é sustentada pelo Espaço Genérico que inclui a noção de sexualidade projetada pelo elemento fêmea, atributo presente em ambos. Dessa relação analógica, numa projeção metafórica no espaço mescla, as contrapartes “fêmea” (sabendo-se que, com relação ao *Input 2*, a feminilidade está condicionada ao gênero da palavra, e não apenas designa o peixe piranha do sexo feminino), “oferta de sexo”, “perigosa” e “voraz” projetam-se e se fundem numa terceira noção que incorpora todos esses sentidos, ampliando-os até. Então, no domínio criado, o termo “piranha”, referindo-se à mulher, destaca uma categoria que contém a condição de feminilidade, a oferta de sexo, mas também incorpora a noção de perigo para os homens, para as famílias, porque devora vorazmente a “família tradicional”, o bolso do mantenedor, carrega a marca dos indesejáveis. O mesmo raciocínio pode ser atribuído à construção conceitual de termos como prostituta, puta e outros semelhantes.

Figura 2 – Mesclagem conceitual referente ao item lexical PIRANHA



Concluindo, na construção de novos significados, metáforas e metonímias são originadas das vivências, das experiências sociais, físicas e culturais das pessoas. Então, esses significados não são propriamente dos termos lexicais, e sim produtos de uma situação comunicativa, de interação, que exige dos envolvidos o compartilhamento do conhecimento de mundo. Os MCI e *frames* que os formam são remodelados originando novos *frames* que

possibilitam o reordenamento dos espaços mentais, dos MCI, e o surgimento de novos significados.

5 Considerações finais

Como indicado anteriormente, o objetivo deste trabalho é nortear a avaliação do impacto psicossocial que determinadas palavras podem provocar no íntimo das pessoas, principalmente no das mulheres, através de registro e análise das acepções dos itens lexicais nas letras do gênero textual/musical *funk*, a fim de que o educando, além dos demais cidadãos, possam adotar uma postura analítica e crítica ante as noções representativas da mulher. Considerando as bases teóricas da LC, podemos afirmar que os valores semânticos dos itens lexicais empregados no dia a dia pelas pessoas e, mais especificamente, nas letras de *funk* vão além do sentido indicado pelos dicionários. A análise dos dados aqui selecionados nos permite a percepção da inter-relação de conceitos na formulação dos termos inovadores nas letras de *funk*.

Esperamos que esta reflexão possa auxiliar não apenas estudantes, mas qualquer cidadão, na tarefa de detectar o processo de alienação. Além disso, talvez possamos também chamar de estratégia de estabelecimento de posição político social, principalmente feminina, favorecida pela indústria cultural, por meio de mecanismos de poder, criados, transmitidos e impostos às camadas sociais que ocupam o espaço da base da estratificação. Contamos, também, que o trabalho possa revelar novas leituras de mundo, das relações interpessoais, das intenções subtendidas nas formas de as pessoas se verem e, conseqüentemente, das construções linguísticas que são empregadas para relegar uns indivíduos ao escárnio, ao desprezo, enquanto conferem a outros os direitos mais caros da sociedade: o de ser e não de ser moldado.

Referências

ABREU, A. S. **Linguística cognitiva**: uma visão geral e aplicada. Ateliê editorial. 2010.

BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática. 1987.

BENTES, A. C. (Org.). **Introdução aos estudos linguísticos**, volume 3: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2002.

CASTILHO, A. **O que é semântica**. Disponível em <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_40.pdf>. Acesso em: 2 set. 2015.

FAUCONNIER, G. **Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo. Contexto. 2011.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas de la vida cotidiana**. 7. ed. Madrid: Catedra, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, 2002. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap032.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

MARCUSCHI, L. A. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: SALIM, N. M.; NAME, M. C. (Org.). **Linguística e cognição**. 1. ed. Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 49-77.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, jan.-jun. 1999

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

Artigo recebido em: 10.05.2016

Artigo aprovado em: 18.07.2016